

## O Sino do Samuel\*

Eis que, uma vez mais, o SINO DO SAMUEL vem de reconquistar espaço nobre em sua Escola. Não se sabe por que artimanhas ou estranhos desígnios sempre volta a conseguilo, insistindo em permanecer presente à vida desta Casa, desde que a marreta inclemente destruiu o velho prédio e uma nuvem de desprezo por sua memória consumiu-lhe o que possuía de mais belo e de mais lírico. Se da Casa restam retratos, que é da escada magestosa que serpenteava em lances envolventes? Que é dos gradis torneados em jacarandá, definindo categoria ao salão nobre? Que é da gameleira enlaçada à árvore no jardim, matando-a aos poucos, no voluptuoso abraço vegetal? Que é dos buritis esguios trazendo o sertão para as manhãs radiantes e as tardes coloridas da praça tranqüila? Que é do pátio amorável, com seus bancos singelos? Que é da varanda interna de onde pendia este sino, sobranceiro e atento? Tudo se desfez. Tudo foi atirado às cinzas ou bosquejado na tela esmaecida de nossa recordação, em tons cambiantes, de saudade.

Somente o SINO DO SAMUEL, por estranhos desígnios, insiste em permanecer. É que, durante mais de cinquenta anos, manteve o diálogo da Escola com os seus mestres e alunos. Quando arrancado de seu pedestal, desprezado, despojado de suas funções, foi projetado em desenho no calçamento

---

\* Discurso proferido pelo Professor Washington Peluso Albino de Souza, por ocasião das comemorações dos 90 anos da Faculdade de Direito da UFMG, promovidas pelo seu Diretor, Professor Lourival Vilela Viana, quando se reinstalou no saguão do prédio da Escola o velho sino que durante mais de meio século foi batido pelo fiel e dedicado bedel Samuel Caetano.

de entrada do novo edifício, quem sabe se por remorso ou temor de algum espírito preocupado com os possíveis caprichos dos manes domésticos. Mudou-se a entrada, e ele pendurou-se, teimoso, bem ao alto da porta. Outra mudança, e desta vez recolheu-se silencioso (quem sabe em atitude de defesa?), tornou-se o símbolo nos alfinetes de lapela do CLUBE DO SAMUEL, fundado para preservar a memória do seu leal companheiro.

Assim, entre presente e oculto, entre peça esquecida, relicário de museu e evocação de gloriosas tradições, passa a compartilhar, agora, do mesmo espaço em que se acolhem os bustos dos numes tutelares da instituição. Mas se estes bustos aqui vieram por lições de sabedoria e inteligência de nossos mestres, ele aqui vem pelas lições de amor à Escola, ministradas por Samuel.

Conforma-se em manter muda presença, embora contrariando o seu fadário, visto que os sinos, assim como os professores, nascem para falar, para transmitir mensagens. Seus irmãos, em destinos diversos, falam as vozes de reis e poderosos, nas catedrais milenares; ou, nas igrejas das cidadezinhas, fazem amanhecer o dia nas matinas, santificam as festas e choram os mortos. Diversa é a vocação deste sino, que passou a vida a convocar para as lições de Direito, prometendo o ensinamento da justiça ministrado por mestres unguídos de crença, para estudantes cheios de ideal.

Sino e Samuel acabaram por se fazerem uma só pessoa na intermitência de hora e quarto de hora, que no correr dos dias e dos anos marcava o encontro da Escola com a sua própria alma, viva e trepidante. Juntos, indissolivelmente juntos, deram-lhe a sua existência e enriqueceram-lhe o lendário. Conta-se que, alta noite, Samuel ouviu em sonhos o bater angustiado do sino que o chamava em desespero. De casa à Escola foi um correr desabalado. E, ao chegar, ainda pudera evitar o incêndio que começava a devorar o velho prédio.



Nos bons tempos, era vê-los seguros, cômscios de sua responsabilidade. Samuel, na magestade discreta de sua imponência morena, senhor tranqüilo das horas e dos minutos, relógio em uma das mãos e a corda do sino estirada em outra. Juntos, cortavam pelo meio, palestras e discussões, ao chamar para as aulas; terminavam ou interrompiam doudas preleções de mestres, com o sinal do encerramento. Uma badalada seca: silêncio, meditação, reflexões de cátedra sobre o destino do homem e da sociedade, sobre o direito, a justiça, a liberdade, temas da eterna busca da felicidade humana. Duas badaladas alegres: volta aos risos, aos comentários, ao barulho folgazão dos recreios.

Não fora esta identidade de alma e corpo, e teríamos diante de nós, um pobre e envelhecido sino, talvez objeto de coleção de algum saudosista de mal apurado gosto artístico. Guindado à condição de SINO DO SAMUEL, agiganta-se, pois vemos conservar-se na misteriosa eloquência do seu silêncio, o velho e esplêndido ambiente do pátio antigo, entre a quietude das horas de aula e a alegria esfusiante dos intervalos, sino e Samuel vivos e diligentes em sua sobriedade e atenção. Por este mesmo milagre de imaginação e saudade, de ora em diante, alunos, professores e funcionários, ao passarem por aqui, diariamente, na faina das aulas, — e ainda que por desventura o ignorem, — estarão reverenciando aqueles que por mais de meio século dedicaram amor a esta Escola, que de amor tanto carece e que, em sendo Escola, por gratidão ou sortilégio, o retribui com os misteriosos e insondáveis desígnios do próprio amor.

IMPRENSA UNIVERSITARIA

31.270 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UFMG

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**



**IMPrensa UNIVERSITARIA**

**31.270 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL**

**Edição da**

**FACULDADE DE DIREITO DA UFMG**